

LETRAMENTO LITERÁRIO: FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO*

Flávio Aparecido de Almeida - UEMG

Luciano Dias de Sousa - UEMG

Lucimeire Aleixo Bard - UEMG

Luís Américo Bertolaci Junior – UEMG

Mileane Andrade Azevedo - UEMG

Resumo: O presente estudo tem como objetivo discutir o papel da Literatura na escola e sua relevância para o ensino-aprendizagem dentro de uma perspectiva voltada para o letramento literário para o ensino de língua materna, principalmente, no aspecto direcionado para leitura e escrita. Nesse sentido, o texto literário é um poderoso aliado, pois, por meio dele, é possível transformar o aluno em leitor e, conseqüentemente, sua postura crítica diante situações do cotidiano. O encontro entre a Literatura e o leitor é capaz de estabelecer uma experiência que pode modificar a concepção que tem do mundo e da sua própria existência, dando condição de ler sobre o mundo e as pessoas.

palavras-chave: literatura; leitura; escrita; ensino-aprendizagem.

1. Considerações iniciais

A leitura ainda é foco de muitas discussões no âmbito escolar em diferentes contextos de estudos. Isso se dá em virtude da preocupação recorrente acerca dos problemas de leitura e escrita evidenciados na escola e, conseqüentemente, na sociedade atual.

Para Segabinazi (2016, p.82) desde os anos 70, inúmeros programas e campanhas de incentivo à leitura literária nos mostram articulações a favor da construção e consolidação de um público leitor no Brasil. Além disso, o aumento de grupos de pesquisas acadêmicas, que promovem e intensificam discussões e publicações em livros e periódicos, destinando espaços para debater a formação de leitores e o ensino de literatura na escola e fora dela, tem corroborado o esforço e a permanência para a construção de propostas que, efetivamente, ampliem o hábito e o gosto pela leitura em nossa sociedade.

Estabelecendo um ponto de partida então, saber que concepções de aprendizagem são norteadas das práticas docentes é essencial para que possamos pensar realidades e perspectivas das aulas de língua portuguesa e literatura no ensino fundamental e médio. Tendo como base o eixo curricular em leitura e escrita, os textos literários são dissecados e apresentados aos alunos de forma fragmentada pelo livro didático que privilegia a fixação de normas e regras da gramática normativa na prática em sala de aula. O espaço para a literatura é menor, basta verificar a quantidade de textos literários propostos pelo livro didático de língua portuguesa que circulam nas escolas.

A escola é o ambiente e o ponto de referência em que os alunos entram em contato com o mundo das linguagens; é o espaço onde os estudantes devem ter contato

* XV Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e XII Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.

com diferentes textos de gêneros variados. Nessa perspectiva, é preciso refletir sobre as estratégias necessárias para que a escola amplie a interação do aluno com as diversas manifestações culturais escritas de nossa sociedade.

Quando um texto literário é levado para a sala de aula com o direcionamento voltado para as questões de análise do léxico ou sintático, o professor acaba por negar todo conteúdo estético e ideológico discursivo que a literatura pode proporcionar, mata o prazer da leitura para privilegiar a regra do “escrever e falar bem”.

Segundo Perrone-Moisés (2016, p. 70), numa sociedade dominada pela tecnologia e pela economia de mercado a disciplina literária sofreu um rebaixamento. Os economistas veem a literatura como um produto com pouco (embora não desprezível) valor mercadológico: os gerenciadores do ensino, como perfumaria sem utilidade na vida profissional futura dos ensinados.

Dessa forma, cabe à escola ser responsável para que os livros tenham o destino final aos alunos, e lidos em sala de aula e fora dela cumpram, realmente, o ciclo completo do seu destino, proporcionando a reflexão sobre arte e sobre a vida e despertando emoções que serão únicas para cada leitor. Que espaço a Literatura ocupa na escola? Quais possíveis contribuições do texto literário para o ensino de língua materna?

Para Bagno (2002, p.165) a escola tem como objetivo ensinar a língua materna. À primeira vista, para qualquer pessoa que não tenha refletido sobre as questões de língua e linguagem, este objetivo parece claro e simples. No entanto, não é nada disso: o objetivo do ensino não está claramente definido.

Também sobre o ensino de Língua Portuguesa Angela Kleiman (2016) afirma:

As práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, provêm basicamente de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e portanto, da linguagem. Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola. (KLEIMAN, 2016, p.23).

As aulas de língua portuguesa seguem uma rotina de práticas de leitura, produção de texto e aulas dos tópicos gramaticais e análises linguísticas que podem ou não estar relacionadas às produções dos alunos ou às leituras que eles realizam. O texto literário funciona, nessas aulas, como uma espécie de exemplos ou suportes para exercícios e reflexão sobre aspectos da linguagem de uso e correta escrita.

Quando o trabalho com o texto literário é em outra perspectiva os caminhos da leitura e escrita são estreitados; e o retorno do aprendizado é a formação humana que começa com uma participação mais efetiva na sociedade letrada. Quando os textos literários são levados para as aulas de português como objetos a serviço da aprendizagem linguística, como modelos de períodos literários e gêneros textuais, ou ainda para a verificação da leitura superficial, o efeito literatura não tem lugar de ser.

A literatura deve ser apresentada como uma possibilidade do aluno não somente para aprender os conteúdos curriculares, mas para aprender também a viver, compreendendo-se melhor como ser individual e social.

2. O ensino de Literatura e a proposta do texto literário

A visão sobre a importância do texto literário na escola suscita práticas de sala de aula voltadas para o letramento dos alunos de modo a ampliar as competências significativas para as atividades sociais, interativas que envolvam leitura, escrita, análise

e reflexão. Nessa prática, o texto literário coloca-se em lugar de destaque: constitui uma forma de vivenciar o pensamento reflexivo, uma vez que pela leitura temos acesso a novas ideias, novas concepções, novos dados, novas perspectivas, novas e diferentes informações acerca do mundo, das pessoas e da história de nossa cultura.

A leitura literária deveria ser um fator imprescindível no ensino de Línguas e demais humanidades, principalmente. Contudo, muitas vezes, acaba sendo deixada como segunda opção, em detrimento do ensino da gramática normativa e outras disciplinas da grade curricular. Além disso, o processo de formação de leitor, que deveria ser concomitante com as disciplinas obrigatórias no currículo escolar, seja através de práticas de leitura ou com atividades complementares, não é, muitas vezes, nem levada em consideração pelos professores, escolas e universidades. Isso acaba sendo um sério problema, pois, é através da leitura, literária ou não, que o aluno tem contato com as variantes da língua, bem como suas articulações necessárias. Esses são apenas dois, de muitos fatores que auxiliam o aluno no processo interpretativo e de reflexão, estimulando, assim, avançar nos níveis de leitura (DERING, 2014, p.1).

Para formar um leitor, é primordial que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de relação baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação, relação iniciada a partir da ligação que o professor responsável em estabelecer e apresentar ao aluno a literatura. Todavia, elogiar ou indicar um livro não é suficiente para convencer os estudantes de que ler é bom e útil. Os alunos precisam entender a leitura como atividade interessante e motivadora ao pensamento, despertar sua atenção, através de livros que tratem de seus interesses por meio de uma linguagem mais familiar com sua realidade. Posteriormente, durante o processo de amadurecimento do leitor, podem ser apresentadas outras leituras, aumentando, aos poucos, o grau de complexidade e, conseqüentemente, o desenvolvimento da postura crítica exigida perante uma leitura.

A maturidade de leitor é construída ao longo da intimidade com muitos textos. Um bom leitor é aquele que a cada nova leitura seu senso crítico e capacidade de reflexão altera e vai tornando-se mais profunda a cada livro, e a cada leitura. Cosson (2016) afirma que:

Se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar, daquilo que nossa sociedade acredita ser objeto de leitura e assim por diante. (COSSON, 2016, p. 29)

O modo como é trabalhado a leitura dos textos literários, e que muitas vezes nos manuais didáticos ocorre apenas a fragmentação, os textos literários são incompletos, usados para responder questionários e assuntos gramaticais, tornando a leitura maçante e sem significação para o aluno, uma vez que a prioridade, na maior parte das vezes, é o ensino de regras gramaticais separadas dos aspectos funcionais da linguagem.

É importante destacar que, fora da escola, a leitura não é regulada pelos clássicos obrigatórios de leitura, e ainda, a leitura não precisa ser comprovada ou avaliada; é um tipo de leitura por prazer. Entretanto, na escola, o ato de ler quase nunca se caracteriza por prazer, ao contrário, faz parte de um conjunto de tarefas que resultam em avaliação, sob a forma de seminários, provas ou questionários. A avaliação da leitura faz parte do processo escolar, contudo ela não pode ser a finalidade principal do ato de ler.

Estudos mais recentes, já no século XXI, avançam e mostram quais são as competências do professor que fortalecem experiências bem-sucedidas com a leitura de obras ficcionais na sala de aula. Talvez, reflexo dos estudos e iniciativas tomadas nos decênios finais do século XX, as quais, sucintamente, nos referimos anteriormente, podem ser a razão desse sucesso, de uma nova conjuntura da leitura literária na escola. O importante é que, nesse contexto, o professor tenha consciência e clareza do seu lugar na mediação do “ensinar/formar” um leitor de literatura (SEGABINAZI, 2016, p.87).

Nesse ponto, é importante que a literatura também faça parte do mundo do professor e que ele compartilhe sua experiência de leitura para o universo que o aluno conheça e por ele se interessa. Desprezar tais leituras é afastar-se ainda mais do jovem leitor, dificultando o trabalho com a formação literária.

Para que na escola o ensino de literatura possa ser um acontecimento, há que se abrir espaço para fugir das regras, pois um dos elementos fundantes da literatura é justamente a possibilidade de transgressão provocada pelos jogos de sentidos, por deslocamentos, desvios, esse lugar de reflexão e debate que promove verdadeiras transformações.

3. Contribuições para o letramento

Ao pensar sobre o papel e o espaço da literatura na escola, é pensar tendo o foco o texto literário e sua relação diferenciada com a escrita, pois ao conceber a literatura como arte, relaciona-se as múltiplas possibilidades e significações que a palavra pode ganhar ao estabelecer interação entre texto e leitor. Compreende as intenções discursivas presente no texto é papel do leitor, percebendo a palavra como uma importante ferramenta de expressão da linguagem.

De acordo com Cosson (2016, p.17) na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Todo ato de leitura é realizado pela compreensão e interpretação de textos, sejam eles literários ou não. A partir do conhecimento que o leitor vai assumindo progressivamente, através do seu conhecimento de mundo, das informações que já possui sobre aquele determinado assunto, sobre o autor do texto, estas características são fundamentais para se compreender a linguagem, o ato de ler não se resume só na decodificação da letra ou da palavra, ele implica-se em uma atividade elaborada por estratégias que antecipam, verificam e faz inferências, na qual sem estas não seria possível alcançar a competência em leitura e escrita.

Compreender o mundo ou textos é questão relativa e depende das concepções do leitor e dos estímulos aos quais ele estará sujeito. Não se pode afirmar que o sujeito inábil para compreender um texto científico não seja capaz de compreender um texto literário, que o sujeito inábil para compreender um texto literário, não seja capaz de compreender uma anedota, ou um texto informativo. Tudo é uma questão de experiência e expectativa. A leitura se

efetiva quando aquilo que se lê significa para o sujeito leitor (SILVA, 2007, p.2).

É fundamental que ao promover leitura, o professor proponha os objetivos que definem tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, à medida que o aluno lê, amplia sua compreensão das palavras e escrita, isto é um requisito essencial aprendido de língua materna, além de nos aproximar da nossa cultura, por isso um dos objetivos da leitura é ler para aprender. Para entender como a escrita atravessa a existência humana das mais variadas formas, o termo letramento está também relacionado ao uso que fazemos da escrita em nossa sociedade.

A escola e os responsáveis pela educação no país, ainda não conseguiu vencer essa etapa de aprendizagem da leitura e da escrita que tem sido historicamente um desafio para a sociedade brasileira, constituindo-se em matéria básica de muitas pesquisas. Para que novas perspectivas de trabalho se constituam é fundamental, segundo artigo de Goulart, que o letramento seja compromisso da escola e entender que a leitura e escrita são objetos da nossa cultura, todo conhecimento deve ser compartilhado de forma fazer sentido para os alunos. Assim afirma Goulart (2014),

O pragmatismo social que caracteriza o cotidiano de sociedades capitalistas parece marcar o surgimento do termo letramento, tornando instrumentais as ações para sua implementação. Deste modo é preocupante que tantos letramentos (científico, literário, matemático e outros) tenham vicejado no panorama de propostas educacionais. A concepção de práticas pedagógicas em que os alunos, os professores e os conhecimentos sejam as molas propulsoras dos processos de aprender-ensinar, em vez de métodos e instruções, deve prevalecer. Os processos humanos apresentam regularidades mecânicas ao lado de criações imprevistas, imperfeições, incertezas, sustos. Na escola os processos também devem ser pensados assim. Além disso, os conhecimentos e seus modos de organização, como a linguagem escrita, são objeto da cultura e não da escola (GOULART, 2014, p.43).

Uma escolarização adequada da literatura exige que os exercícios proporcionem a percepção da literalidade do texto e dos recursos de expressão do uso estético da linguagem. O acesso do aluno no mundo e na comunidade se dá pela ampliação da comunicação da vida cotidiana, no processo de acesso às esferas de conhecimento.

As habilidades de leitura e escrita estão, intimamente, ligadas à linguagem (oral e escrita), são meios de comunicação e interação. Todavia, enquanto a modalidade oral pode ser considerada como um dos meios que possibilita a sobrevivência do indivíduo em sociedade. A escola não pode negar a função social da linguagem e precisa contribuir efetivamente para inserir o aluno na sociedade com o conhecimento amplo de leitura e escrita.

Nesse sentido, a literatura precisa de um adequado processo de escolarização, mas não de forma descaracterizada e negada sua função social, mas uma literatura capaz de contribuir para a formação dos estudantes em uma perspectiva do letramento literário.

4. Considerações finais:

Ler e compreender a escrita é importante para quem estar imerso numa sociedade letrada, porque propicia o reconhecimento de direitos e deveres como cidadãos e como indivíduos em comunidade, logo ler e escrever também é importante para o exercício da cidadania. Partindo dessa necessidade, o homem aprende a ler e escrever, mas também a pensar e posicionar diante sua leitura. Nesse sentido, podemos afirmar que a escola se torna parte responsável nesse processo, pois lhe compete a

formação integral de seus alunos para que desenvolva com autonomia o exercício da linguagem e uma postura crítica diante dessa complexa relação.

O letramento literário, em linhas gerais, é como um conjunto de práticas que envolvem a interação entre leitor, livro e escritor, produzindo o exercício de leitura, escrita, debate, posicionamento do leitor, prazer e liberdade em praticar leitura através de textos literários, sejam estes clássicos ou não. Dessa forma, a finalidade da literatura na escola é contribuir para construção e significação do texto literário lido dentro ou fora do ambiente escolar. Nesse aspecto, o texto literário não deve ser observado simplesmente como uma estrutura textual, mas como a possibilidade de estruturar novos caminhos acerca da interpretação de mundo vivenciada pelos estudantes.

5. Referências

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

DERING, Renato de Oliveira. **A leitura literária e suas possibilidades na formação do sujeito-leitor**. Disponível em: http://www.academia.edu/5319341/A_leitura_liter%C3%A1ria_e_suas_possibilidades_na_forma%C3%A7%C3%A3o_do_sujeito-leitor. Acesso em: 13 de maio de 2018.

GOULART, Cecília M. A. **O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização**. Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 35-51, Ago./Dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a04v9n2.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2018.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Pontes, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

SEGABINAZI, Daniela Maria. **A mediação do professor no ensino de literatura: os discursos oficiais e acadêmicos**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 31 (dez. 2016). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa>. Acesso em: 13 de maio de 2018.

SILVA, Rosa Amélia Pereira da. **Compreender o ato de ler praticar a leitura na vida e na escola**. Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss06_09.pdf. Acesso em: 13 de maio de 2018.